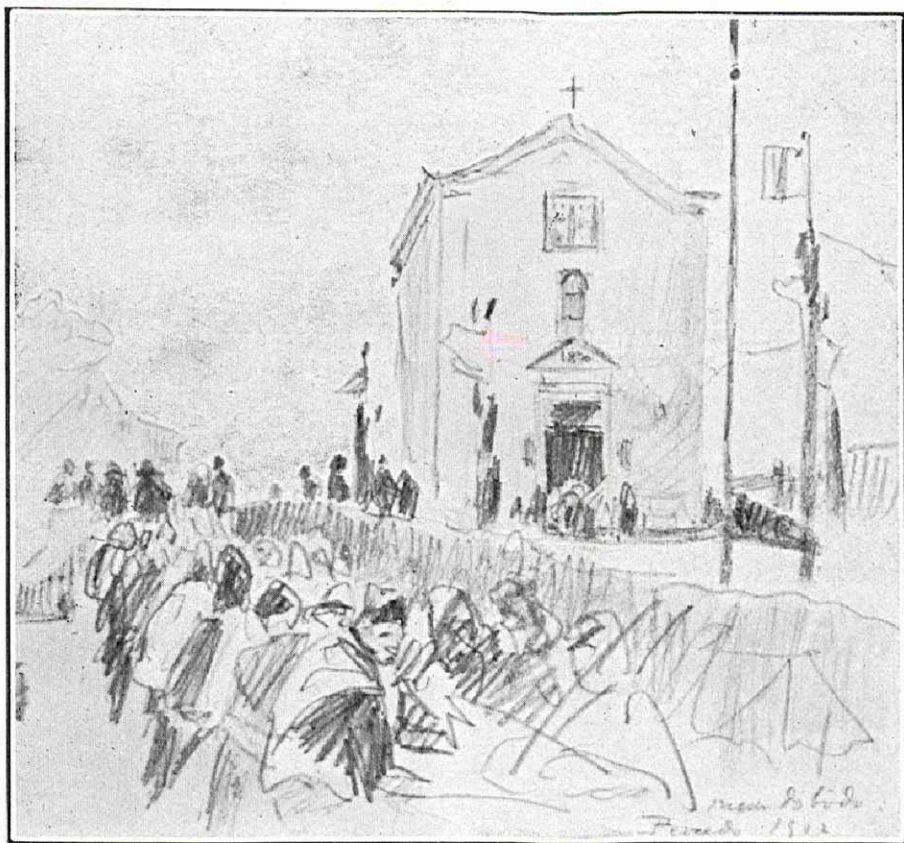


LUIZ KEIL

O “IMPERIO” do PENEDO

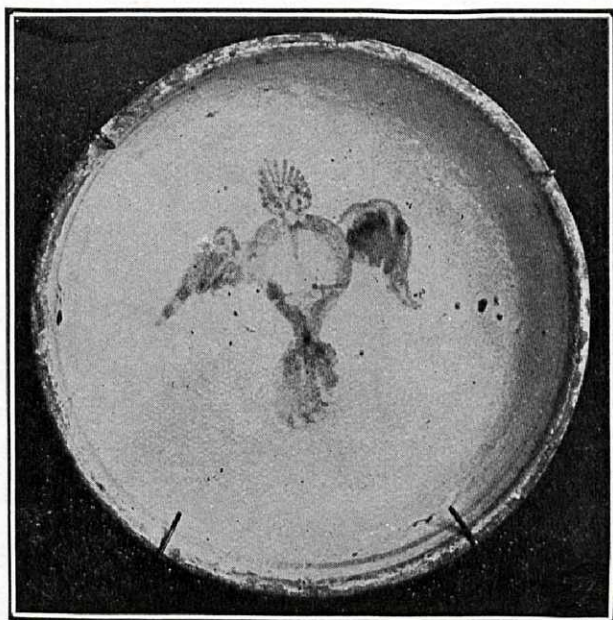
COM 3 ILUSTRAÇÕES

Separata da *Águia* — N.ºs 67, 68 — 1917



A MÊSA DO BÔDO DO «IMPERIO»

Apontamento a lapis de Alfredo Keil.



UMA TIJELA DO «BÔDO»

Separata da *Águia* — (67, 68 — 1917).



DOMINANDO a antiga vila de Colares, no caminho que nos leva á celebrada capela da Peninha, encontra-se o lugar do Penedo, cujo nome certamente derivou do aglomerado de rochas sobre que se erguem as casas de seus moradores.

Ahi, no cimo de um cabeço, limitado de um lado pelo vale da ribeira que passa á «Bôca da Mata», d'onde trepam as calçadas que de Colares vão ao povoado, e do lado oposto pela «ribeira do Valente», depara-se com a capela de Nossa Senhora das Mercês, que mais vulgarmente é conhecida pela invocação de Santo Antonio.

A capela, batida dos ventos, está isolada sobre um eirado, onde, fronteiro ao poetico cruzeiro, visinhando com a fonte do lugar, se eleva um banalissimo, anti-estetico corêto, *monumento* que abriga em dias de festa a philharmonica empenachada e rutilante de galões que veiu substituir com as «polkas de passarinho» e as selecções d'operas, o antigo e tipico *2 de infantaria*, ou seja, o gaiteiro e seu ajudante, o *trameléque*, eximio rufador e solista de tambor.

O interior da capela é todo forrado de azulejos policromaticos, de varios tipos e padrões, com sete paineis alusivos á vida de Santo Antonio, ali mandados colocar por devoção de Francisco Nunes Dias, que em 1647 reformou a antiga capela.

Lembro-me, com saudades, e já lá vão mais de 20 annos, do cerimonial das festas que pelo Espirito Santo se celebravam no Penedo.

Faziam-se a recepção e coroação do *imperador* com uma pragmatica especial, mixto pitoresco de christianismo e paganismo, que datava de muitos seculos.

N'um livro de obitos do seculo XVII, pertencente ao antigo cartorio de Colares, consta que se finára «Antonio, da ribeira do Valente, que no anno fôra Imperador».

Ter um *imperador* na familia era uma honra disputada por todos os habitantes do Penedo, e, quando o *imperio* pertencia a alguma das mais abastadas familias, não se olhava a despezas. Até os Stocklers, ascendentes do general Garção Stockler, foram *imperadores*. Existe ainda a corôa grande, de prata dourada, com restos de joias

ao gosto da época, que a « Casa do Alto » mandou fazer para o seu *imperio*.

O *imperador*, que primitivamente era homem feito, foi com os tempos diminuindo na idade. No meu tempo era um garoto dos seus treze anos.

Dois festeiros iam buscar o *imperador* a palacio, que as mais das vezes não passava de pobrissima habitação, adornada vistosamente para esse acto. Em frente dela ficava depois levantado, pelo ano fóra, um mastro encimado por uma bandeirola de folha recortada em feitiço de pomba.

Acompanhado do sequito, que se compunha do Condestavel e de um pagem, dos mordomos e muito povo, era esperado no portico da Capela pelo padre celebrante, de sobrepeliz e capa de asperges.

Era este, no tempo a que me refiro, o meu velho amigo padre Matias de Campo, coadjutor de Colares, um hespanhol de Astorga, emigrado carlista que, em 1874, fugira para Portugal.

Estou a vê-lo, tirando a corôa de uma salva de prata e collocando-a com toda a união na cabeça do *imperador*, cabeça ornada de alourada cabelleira de estôpa, e de um gôrro emplumado, complementos da indumentaria com que o guarda-roupa de Lisboa, fornecedor habitual da *corte imperial* enfarpelava de *nobre do tempo de Henrique III*, o rapazola que figurava de imperador.

Ao som do hymno, tocado e rufado pelo gaiteiro e tambor, o padre entregava-lhe ainda o sceptro e, findas as cerimoniaes da recepção, o soberano, envolto no seu manto, tamava logar no trôno, junto do altar-mór, onde, rodeado pela côrte, ouvia a ladainha e a missa de instrumental.

A seguir, o sacerdote, com graves medidas, pedia venia para o sermão. Pôde fazer-se ideia do que seria um sermão prégado pelo padre Matias, profundo conhecedor do grego e do latim, mas que apesar de 30 annos passados em Portugal não conseguira desfazer-se ainda da sua pronuncia natal...

O *imperador* só se erguia quando ao « levantar a Deus ». O calor apertava e as môscas incommodavam a *Sua Magestade*; então o pagem, com um abano, enxotava as impertinentes, que ameaçavam desfazer a ordenada compostura do pobre figurante.

Com o mesmo cerimoniaes sahia o *imperador* da capela, sendo deposto no dia seguinte, e eleito o successor que logo esportulava determinada quantia.

Depois da festa de igreja realisava-se o bôdo.

Já na vespera andára, enfeitado de flores e fitas, pelas ruas do

Penedo, cheias de colgaduras, o boi que devia ser morto para alimentar a voracidade de não sei quantos mendigos que, de quatro leguas ao redor, acorriam á festa.

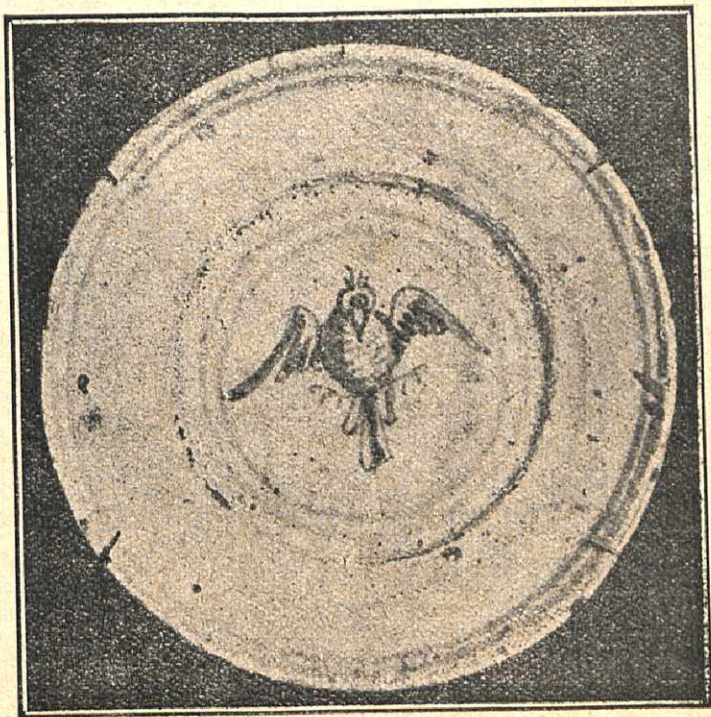
Passeava a «victima» pela povoação, com os mordomos, gaiteiro e ajudante, bandeira e foguetes, e a sua primeira visita era ante a casa do *imperador*, para fazer a venia.

Era tambem costume velho darem-se n'esse dia dotes de 2 *pin-tos presos*, ou sejam 960 réis, ás raparigas do logar que haviam casado no anno.

O boi era repartido, *post-mortem*, já se vê, em duas partes: uma para a *côrte imperial* e outra para os pobres.

Dadas tres voltas á roda da capella, depois de benzido, matava-se o animal. Caso grave este da matança. Uma vez, tendo o magaréfe errado o golpe, fugira o animal, e só fora agarrado perto de Cintra, pelos festeiros esfomeados e mais povo, armados de forcados e foices! Cozinhada a carne perto da capela, n'um caldeirão de cobre que ainda ali existe, era distribuida aos pobres, sentados em bancadas, juntandose a eles os devotos que tinham feito promessa de comerem com os *irmão-zinhos*.

Servia n'essa ocasião uma louça especial, a *baixella*, constituída por pratos e tijelas, com a imagem do Espirito Santo (a simbolica pomba), desenhada no fundo. Esta louça, de faiança bastante grosseira, com esmalte branco-



Um prato da «Baixella»

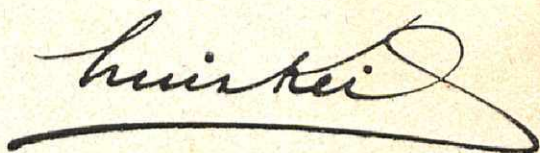
sujo, as cercaduras e emblemas a azul ou côr de vinho, considero-a de fabrico de Lisboa, do principio do seculo XVIII.

Arrumada em cestos n'uma dependencia da sacristia, a *baixella* scaqueirando pouco a pouco, existindo hoje ali apenas dois

ou tres exemplares, junto das tijelas e pratos de barro que foram substituindo a primitiva louça.

O *Imperio* acabou . . . Hoje, democratisado, o *imperador* passou a ser *Juiz*, a festa faz-se sem as pragmaticas antigas, e o boi come-se. . . sem ser benzido.

Do antigo *Imperio* restam somente a corôa e o sceptro, guardados no fundo de um arcaz, uns cacos, parte dos quaes eu conservo preciosamente, e a lembrança de um velho costume que ficará, durante seculos ainda, na alma do povo do Penedo (1).



(1) No Penedo só se coroava o «imperador»; nas Mercês, proximo de F. Mouro, coroava-se tambem uma «imperatriz».

Estas festas do *Imperio* que, parece, foram instituidas por D. Diniz e lher, «a Rainha Santa» e se celebraram pela primeira vez em Alenquer, rez tambem em Alcabideche, perto de Cascaes, em Eiras, junto de Coir bram-se ainda nas Ilhas.